

**DISCURSO  
ANTICOMUNISTA:  
Apropriações e  
construções do  
jornalismo do interior de  
Santa Catarina e Paraná  
em 1964**

ANTICOMMUNIST SPEECH:  
Appropriations and constructions  
of the journalism of the interior of  
Santa Catarina and Paraná in 1964

DISCURSO ANTICOMUNISTA:  
Apropiaciones y construcciones  
del periodismo del interior de  
Santa Catarina y Paraná en 1964

**Karina Janz Woitowicz<sup>1</sup>  
Elaine Schmitt<sup>2, 3</sup>**

**RESUMO**

Este artigo se propõe a analisar o modo como a figura do comunista foi discursivamente significada pela imprensa do interior brasileiro durante o primeiro ano do golpe civil militar, em 1964. Para isso, foram utilizados os jornais *Caiçara* e *O Comércio*, fundados nas cidades de Porto União, Santa Catarina, e União da Vitória, Paraná, produtores de notícia durante o período

---

<sup>1</sup> Graduação em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e doutorado em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora no Curso de Jornalismo e no Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR) e no Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: [karinajw@gmail.com](mailto:karinajw@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestre em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, especialista em História, Cultura e Patrimônio, pesquisadora associada do Laboratório de Estudos de Gênero e História da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: [elaine.schmitt@gmail.com](mailto:elaine.schmitt@gmail.com).

<sup>3</sup> Endereço de contato das autoras (por correio): Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Av. Bonifácio Viléla - Centro, Ponta Grossa - PR, CEP: 84010-330, Brasil.

político em questão. O aparato metodológico utilizado baseia-se na Análise de Discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 2008; ORLANDI, 2010) e parte da concepção do jornalismo como atividade que pode, potencialmente, construir e significar socialmente a realidade (TUCHMAN, 1976; BERGER & LUCKMANN, 1998).

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo do interior; golpe civil militar; comunismo; análise de discurso.

#### **ABSTRACT**

This article proposes to analyze how the communist figure was discursively signified by the press of the Brazilian interior during the first year of the military civil coup in 1964. For that, the newspapers *Caiçara* and *O Comércio*, founded in the cities of Porto União, Santa Catarina, and União da Vitória, Paraná, were used as news producers during the political period. The methodological apparatus used is based on the French Line Discourse Analysis (PÊCHEUX, 2008; ORLANDI, 2010) and part of the conception of journalism as an activity that can potentially construct and socially represent reality (TUCHMAN, 1976; BERGER & LUCKMANN, 1998).

**KEYWORDS:** journalism from the interior; military coup; communism; discourse analysis.

#### **RESUMEN**

Este artículo se propone analizar el modo como la figura del comunista fue discursivamente significada por la prensa del interior brasileño durante el primer año del golpe civil militar en 1964. Para ello, se utilizaron los periódicos *Caiçara* y *O Comércio*, fundados en las ciudades de Porto União, Santa Catarina, y União da Vitória, Paraná, productores de noticias durante el período político. El aparato metodológico utilizado se basa en el Análisis de Discurso de línea francesa (PÊCHEUX, 2008, ORLANDI, 2010) y parte de la concepción del



# revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 5, Agosto. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p373>

periodismo como actividad que puede, potencialmente, construir y significar socialmente la realidad (TUCHMAN, 1976; BERGER & LUCKMANN), 1998).

**PALABRAS CLAVE:** periodismo del interior; golpe civil militar; comunismo; análisis de discurso.

Recebido em: 30.11.2017. Aceito em: 19.03.2018. Publicado em: 01.08.2018.

## Introdução

O objeto a ser explorado neste artigo é o jornalismo do interior brasileiro, localizado em um espaço onde situações ocorrem segundo lógicas culturais e sociais diferenciadas da grande imprensa, pois constitui-se a partir de determinadas particularidades e, também, por sua geografia. Os jornais investigados foram fundados na região de União da Vitória, Paraná, e Porto União, Santa Catarina<sup>4</sup>. O primeiro foi *O Comércio*, criado por Hermínio Milis em 1931 (MATULLE, 2016; RIBEIRO, 1967). Três décadas depois surgiu o *Caiçara*, em 1953, fundado por Lulu Augusto<sup>5</sup>.

No que diz respeito à produção jornalística brasileira da década de 1960 realizada fora dos grandes centros brasileiros, nota-se a necessidade de buscar maneiras e estratégias próprias para agir e sobreviver. A estrutura, a rotina, o agendamento, a recepção e até os efeitos provocados pela informação produzida por veículos do interior exibiam dinâmicas divergentes das identificadas nos cenários nacional ou internacional.

A estruturação feita a partir de necessidades pessoais tornou, e ainda torna, os veículos do interior únicos em sua trajetória e organização, o que exige um profundo conhecimento de sua história, relações e rotina para compreender os objetivos e a função social que possuem. É preciso, ainda, acrescentar a esta atividade jornalística a dimensão técnico/tecnológica como influência sobre o regional, onde o território é visto como uma construção balizadora e referencial, construída por e para a sociedade. Assim, o veículo influencia e é influenciado pela região, ou possui tal potencialidade, onde

---

<sup>4</sup> Apesar de as cidades de União da Vitória e Porto União pertencerem a estados diferentes, fazem divisa e possuem histórias bastante entrelaçadas.

<sup>5</sup> A pouca bibliografia disponível sobre a criação da folha traz informações equivocadas e costuma remeter a fundação do jornal a Didio Augusto, pai de Lulu. No entanto, a primeira edição do jornal explicita, na capa, que foi Lulu Augusto a responsável por seu surgimento.

instala-se por uma questão de proximidade, representação, confiança e necessidade de informação. A relação de pertencimento e de representação vivida pelo meio, que se autoriza como vetor para uma região ou faz-se capaz de produzir imagens de uma continuidade territorial cujos dados são critérios arquitetados para entidades que exploram este mesmo território<sup>6</sup>, também revela especificidades do modelo (OLIVEIRA, 2012).

Quando analisados historicamente, tais jornais descortinam um material importante para percepção da formação de imaginários, estereótipos e construções sociais que podem ter-se cristalizado com o passar do tempo. Algumas vozes e visões contidas nos discursos produzidos pela imprensa brasileira durante o golpe civil militar de 1964 são exemplo disso. Frequentes e semelhantes, tanto em uma esfera macro (grande imprensa) quanto micro (imprensa do interior), determinados discursos foram repetidamente enunciados, o que colaborou para reforçar um campo simbólico que projeta e constrói sentidos e significados.

A construção de um discurso hegemônico em torno do comunismo foi um dos aspectos marcantes da narrativa jornalística no período considerado. Os jornais, ao tratarem o golpe militar como uma ação necessária para conter o avanço comunista no país, acabaram por angular os acontecimentos a partir de uma perspectiva oficial. As variações deste discurso, suas eventuais contradições e o modo singular de enunciar fatos e personagens que polarizam o nacionalismo e o comunismo são alguns aspectos que a presente análise busca observar, a partir do olhar sobre o jornalismo do interior.

---

<sup>6</sup> Camponez (2002, p. 118) chama isso de *proximidade mais próxima*, que é gerada por formas circunscritas de comunicação, em virtude dos sentimentos de pertença a uma comunidade ou região.

### **Jornalismo do interior**

Os objetos explorados neste artigo, jornais do interior, encontram-se em um espaço onde situações ocorrem segundo lógicas culturais e sociais próprias, constituídas com particularidades condicionadas, também, pela geografia. É nessa ligação conceitual entre a localização territorial e a territorialização do conteúdo gerado que a imprensa do interior constrói sua razão de ser e também suas especificidades. Assim, estruturas, rotinas, agendamentos, recepção e até efeitos provocados pela informação de atualidade exibem dinâmicas divergentes das identificadas em cenários nacional ou internacional.

A estruturação feita a partir de necessidades pessoais torna os veículos do interior únicos em sua trajetória e organização, o que exige o conhecimento de sua história, relações e rotina para compreender os objetivos e a função social que possuem. É preciso, ainda, acrescentar a esta atividade jornalística a dimensão técnico/tecnológica como influência sobre o regional, onde o território é visto como uma construção balizadora e referencial, construída por e para a sociedade. Assim, o veículo é influenciado e influencia a região, onde instala-se por uma questão de proximidade, representação, confiança e necessidade de informação. As relações de pertencimento e de representação vividas pelo meio, que se autoriza como vetor para uma região ou faz-se capaz de produzir imagens de uma continuidade territorial cujos dados são critérios arquitetados para entidades que exploram este mesmo território<sup>7</sup>, também revelam especificidades do modelo (OLIVEIRA, 2012).

---

<sup>7</sup> Camponez (2002) chama isso de *proximidade mais próxima*, que é gerada por formas circunscritas de comunicação, em virtude dos sentimentos de pertença a uma comunidade ou região (p.118).

Camponez (2002, p. 117) aponta a existência de uma transversalização trazida ao jornalismo quando produzido no interior. Ali, haveria um esforço para comunicar conteúdos considerados pertinentes aos leitores, determinados pelos valores-notícia, ao mesmo tempo em que se busca a fidelização do público. Ou seja, a proximidade estabelecida nessa atividade admite a percepção de certos contextos que não seriam possíveis em outro lugar e, a partir daí, é feita a organização dos elementos valorativos, como novidade, atualidade, relevância, negatividade. Com isso, “os acontecimentos que são mais próximos são melhor compreendidos”.

Após estes apontamentos acerca um modelo de jornalismo desenvolvido em regiões que divergem dos grandes centros, exploraremos os jornais *O Comércio* e *Caiçara* durante o primeiro ano da ditadura militar brasileira. Durante o período, grandes e pequenas cidades de todo o país viveram transformações constitucionais trazidas pela mudança política e, conseqüentemente, seus jornais publicaram notícias e impressões sobre este acontecimento. A seguir, a pesquisa trata de entender como o jornalismo do interior construiu o registro histórico de um Brasil ditatorial que estava além das grandes cidades e que, com sua própria forma de organização e complexidade, gerou notícias e opiniões para toda população.

### **O discurso anticomunista do jornalismo do interior**

Durante o ano de 1964, no interior dos estados do Paraná e de Santa Catarina, alguns periódicos produziram formações discursivas que se sobressaíram durante o período histórico em questão, do golpe, devido à sua repetida publicação. Entre tais formações está o discurso nacionalista, envolto pelo orgulho de pertencer a uma pátria organizada, segura e “democrática”.

Parte dessa produção discursiva posicionou-se a favor da implantação de um sistema político ideológico que garantisse a soberania militar e exaltou a participação dos soldados, tanto locais quanto nacionais, que lutaram pelo fim do avanço comunista no Brasil.

O medo desta força comunista, que tomou grandes proporções nas décadas de 1950 e 60, já havia sido uma ameaça em outras décadas. Ainda durante a Revolução Russa, de 1917 e década de 30, houve o aumento de adesão ao Partido Comunista Brasileiro. Mais tarde, com a “Intentona Comunista”, em novembro de 1935, o pensamento brasileiro sobre o comunismo formou-se e se cristalizou de forma ainda mais negativada (SÁ MOTTA, 2000).

Em 1960, este imaginário anticomunista ganhou força novamente, tornando-se um argumento político para deposição de João Goulart da Presidência da República, uma vez que era considerado simpatizante dos ideais comunistas que estavam surgindo em países da Europa oriental e com a ascensão dos bolcheviques na Rússia. Além disso, o político gaúcho demonstrava interesse em fazer acordos com países socialistas que não estavam alinhados ao Brasil até então. Tais indícios, assim como outros fatores que levaram à queda de Goulart, foram amplamente explorados pelos jornais do período, que tratavam a abertura política proposta por Jango como problemática para a democracia e a liberdade do país (SÁ MOTTA, 2000).

A forma como o discurso jornalístico de *O Comércio* e *Caiçara* significou a natureza das relações simbólicas que estão associadas e são evocadas à figura do comunista relaciona-se com uma memória já estabelecida sobre o “sujeito ocidental” e sobre uma concepção de ética e de direitos humanos, em que alguns possuem mais direitos do que outros. Dessa forma, adeptas e adeptos



do sistema comunista tiveram, também nesse momento, diversas significações, fortalecidas ao longo de anos na história (MARIANI, 1998).

Na identificação dos variados sentidos, expostos nas páginas dos jornais analisados aqui, é possível perceber o potencial que estas informações carregaram enquanto alimento para formação de opinião pública de seus leitores. Dessa forma, considerar o jornalismo como uma ferramenta que permite conhecer o mundo é considerar, também, a possibilidade de construir uma visão e opinião sobre este mundo, baseadas no consumo frequente destas fontes de informação.

Além de notícias e textos opinativos, produzidos em sua maioria por colaboradores, a temática anticomunista ganhou outros espaços dentro dos jornais analisados. Ao lado de uma ideologia nacionalista, campanhas anticomunistas ressurgiram nesse momento em todo o Brasil. No interior do jornal *O Comércio*, os exemplos são muitos. Financiadas principalmente por setores religiosos (RODEGHERO, 2002), para disseminação de uma imagem negativa acerca do comunismo, as propagandas presentes neste jornal e em muitos outros do país possuíam tom de convocação para um combate contra o “perigo vermelho”.

Os recortes a seguir, publicados nos jornais, evidenciam o tom do discurso nacionalista que repercutia as forças políticas em disputa no período marcado pelo início do governo militar:

Figura 1: recorte de 24 de maio de 1964/página 2/Jornal *O Comércio*

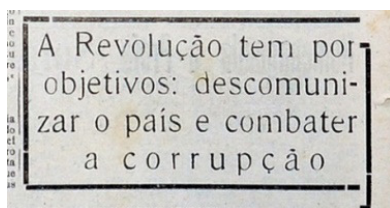


Figura 2: recorte de 9 de agosto de 1964/página 9/Jornal *O Comércio*

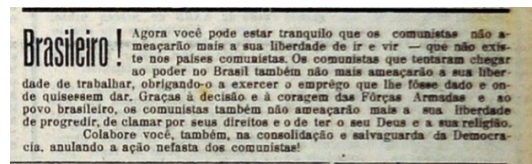


Figura 3: recorte de 26 de abril de 64/página 2/Jornal *O Comércio*

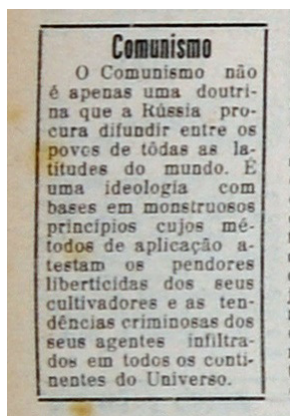
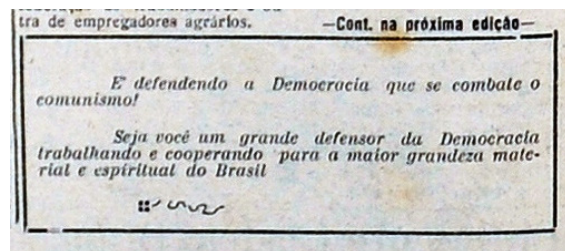


Figura 4: recorte de 16 de agosto de 1964/página 3/Jornal *O Comércio*



Enquanto conteúdo próprio, o jornal *O Comércio* priorizou a veiculação de textos de cunho opinativo, que tinham o objetivo de comentar determinados acontecimentos nacionais ou locais. Em contrapartida, o jornal *Caiçara* manteve-se no enfoque de acontecimentos locais, que revelavam a existência de infiltração comunista na região, inclusive de um colaborador do jornal *O Comércio*.

Na publicação de *O Comércio*, intitulada "Covarde foge da luta", de 08 de março de 1964, observa-se o primeiro ataque dirigido ao comunismo de 1964. Com o intuito de criticar atitudes cometidas pelo presidente da entidade estudantil de Santa Catarina (União Catarinense dos Estudantes do Grau Médio), o autor do texto qualifica-o como marxista leninista que age desprovido de autoconsciência em prol de uma infiltração comunista no setor estudantil:

Já não é de ninguém desconhecido a luta de um grupo de estudantes que desejam impor a moral necessária à União Catarinense dos Estudantes de Grau Médio, tão desacreditada, tão desmoralizada, tão criticada pelos atos do Presidente **marxista** Ady Vieira Filho, atual presidente da entidade master dos estudantes catarinenses. Sublinhamos marxista e podemos acrescentar leninista assalariado dos militantes do Partido Comunista, juguete dêstes elementos que infelizmente infiltram-se no movimento estudantil, porque possuímos provas suficientes para deitar qualquer argumento de defesa. - Carta de Princípios de Videira e Araranguá. (O COMÉRCIO, 08/03/1964)

A publicação, nominada como "Carta de Princípios", foi escrita pelo vice-presidente da entidade, Sidney Pacheco, e pelo estudante Carlos A. Kilian. O discurso do trecho destacado produz sentido de denúncia ao tornar pública a "verdadeira" intenção de um membro superior. Com tal publicização, pretende-se deter seus atos e cessar a imagem negativa conferida à União, que estaria sendo criticada, desacreditada e desmoralizada diante da sociedade.

Em outra publicação do mesmo veículo, datada de 31 de maio, a referência feita a Marx volta a aparecer de forma negativa, uma vez que se relaciona com o ideal comunista. Produzido pelo colaborador Gil César Bruel, o texto opinativo “O Terrorismo dos comprometidos” inicia com comentários nacionais que contextualizam o movimento político vivenciado no país e destaca seus prós e contras:

Como resultado da última crise pela qual passou o país, obtivemos como positivo o afastamento de comunistas que pretendiam dirigir nosso regime para o utópico de Marx. (O COMÉRCIO, 31/03/1964)

A palavra “crise” aparece associada à ameaça comunista que pretendia desenvolver-se em território brasileiro com ajuda do então presidente da República, João Goulart. O estancamento dessa possibilidade é significado como positivo. Na sequência, o autor volta-se para comentar acontecimentos locais, enfocando a presença de comunistas na cidade:

[...] Assim que foi deposto o ex Presidente, terroristas exigiam a cabeça do Prefeito de União da Vitória e a prisão de SEISCENTOS comunistas que **habitam** estas cidades!  
Ora, onde estará a razão destes desordeiros que incitavam o povo a apedrejar a casa do Prefeito (segundo nos consta, seria depois da “Marcha da Família pela Liberdade”) e a prisão de tantos vermelhos?  
Se em Curitiba, foram prêsos aproximadamente uma centena de elementos atuantes e suspeitos de todo o Estado do Paraná, aqui existirão tantos? Então poderemos afirmar que o fóco do comunismo do Brasil está sediado em Pórto União da Vitória. (O COMÉRCIO, 31/03/1964)

Depois de trazer dados sobre a quantidade numérica de comunistas que estariam instalados na região de União da Vitória (PR) e Porto União (SC), em um total de 600 pessoas, Bruel questiona a intenção de “terroristas”, que haviam incitado o apedrejamento da casa do Prefeito de União da Vitória, Domício Scaramella e, por meio de ironias, compara os números à quantidade

de detidos na capital paranaense por atos subversivos (100 pessoas, aproximadamente). Ainda que o discurso do jornal questione a representatividade de comunistas nas cidades em questão, o texto traz indícios das expressões de resistência que marcaram o período e foram silenciadas, em grande medida, pelo jornalismo da época.

No texto a seguir, publicado em abril de 1964, no jornal *Caíçara*, é possível perceber a construção de um discurso que busca, a todo momento, reforçar o ideário anticomunista ao utilizar adjetivos como “ratos vermelhos”, “bolchevistas”, “colonos”, “agressivos”, “*Brizolas boys*” e “propagadores de ódio”, relacionando-os à figura do prefeito, que de acordo com o jornal, tinha uma forte relação com o sistema comunista:

O inseticida democrático que os oficiais e nossa Fôrças Armadas coesas jogaram sobre os ratos vermelhos, deu para mostrar muitas facetas do mar moscovita que vinha iludindo a nação. A classe estudantil, por exemplo, era um ninho de jovens que procuravam sair do anonimato, através da pregação bolchevista, Rapazes de U. Vitória, jovens filhos de tradicionais famílias locais. Muitos deles mocinhos que vimos fazer a Primeira Comunhão, levados pelas mãos de suas mães que viam neles um democrata de amanhã. Foram a Curitiba, como colonos de União da Vitória. E voltaram camponeses. Camponeses porque a linguagem inserrecta dos comunistas exigia que assim fossem chamados nossos colonos. Mas, os camponeses, estudantes vinham para as festas, ficar com suas famílias. E pregar o ódio. A luta entre as classes, a defesa do peleguismo como fizeram na histórica reunião do domingo de Páscoa, na sede do PTB de União da Vitória, com a presença do sr Domício Scaramella, E vejam quanto mal faz ou fêz essa minoria organizada de comunistas infiltrados em todos os setores da vida brasileira. Um cidadão – que conhecemos de tradição – a passar pela sede do PTB no domingo de Páscoa viu aquela gente toda lá, Era um ambiente vermelho, onde só faltava um quadro com Lênin sobre a cabeça do dirigente da sessão. O pobre homem viu o prefeito e entrou. Era um homem admirador do prefeito. Do PTB. Havia votado em Domício. Foi prestigiar a reunião sem saber que ali estava reunida a fina flor do comunismo estudantil de Curitiba, simbolizado por jovens nascidos e criados em U. da Vitória. [...]. (CAIÇARA, 04/1964)

Intitulando-a “Os Comunas *Boys*”, o autor da coluna, René Augusto, desenvolve um texto polarizado ao utilizar palavras negativas para representar o comunismo como “ilusão”, “pregação”, “ódio” e “infiltração”; e palavras positivas para se referir aos patriotas, como “família”, “tradição” e “democracia”. Os personagens centrais são, novamente, estudantes, que deixaram a região para realizar cursos superiores e retornaram cometidos por “ódio” para infiltrarem-se na comunidade local. A visão de que muitos estudantes eram desfavoráveis ao golpe não foi reconhecida somente em âmbito local. Na época, muitos movimentos estudantis como a União Nacional dos Estudantes, Uniões Estaduais dos Estudantes e Diretórios Centrais de Estudantes tornaram-se protagonistas de manifestações dos grandes centros, para resistir à instituição de um regime que era percebido como repressor e antidemocrático.

É possível encontrar, ainda, muitas variáveis na forma como a imprensa referia-se aos comunistas. Porém, classificá-las em determinadas categorias que se tornaram mais frequentes pode ajudar a compreender quais eixos temáticos constituíram o imaginário anticomunista do período. Das categorias citadas por Sá Motta (2000 p. 93), pode-se propor as seguintes denominações: *demonização*, com a nomeação de lobos, feras, abutres; *agentes patológicos*, ao serem significados como um vírus ou germe; *ameaça estrangeira*, presente sempre que estes sujeitos eram relacionados a países como China, Cuba ou Rússia; *desafio à moral*, quando eram citados como ameaça a uma sociedade ocidental de valores cristãos - “Divórcio, libertação da mulher, educação sexual e aborto, estas medidas adotadas pelos bolchevistas serviam para conferir verossimilhança às afirmações de que o comunismo visava destruir a família e solapar a moral”, (SÁ MOTTA, 2000, p.93).

Há entre as denominações, ainda, a de *inferno soviético*, citações como império do mal, inferno vermelho, forças das trevas; referências à Intentona Comunista que relacionava seus protagonistas a traidores da Pátria –“Intentona significa intento louco, motim insensato e é exatamente esta a idéia que se pretende associar ao evento, representado desde então como um “capítulo negro” da história brasileira” (SÁ MOTTA, 2000, p.106).

Esta classificação ajuda a compreender como as adjetivações contra os comunistas ganharam espaço ao longo de um percurso político e histórico brasileiro na discursividade elaborada pelo jornalismo. Um percurso que teve início em 1930, e que transformou “comunismo” em uma palavra nuclear, um referente discursivo próprio que acionava uma formação discursiva sobre o “mal estar” da civilização brasileira. Em 1964, esse núcleo de sínteses retornou nos meios de comunicação, nos discursos de políticos e nas conversas de muitos brasileiros e brasileiras, pois mobilizou uma *memória* discursivamente negativizada:

Assim é que a nominalização *comunização do Brasil* resulta de um mesmo encadeamento que vem se fixando ao longo de distintos períodos da história: ela está atravessada verticalmente por palavras e sintagmas nominais, elementos pré-constructos (*dissolução de família, nociva ideologia, idéias dissolventes, extremismo vermelho etc*), cujos sentidos se tornam equivalentes em função dessas retomadas. (MARIANI, 1998, p.159)

Outra passagem explorada foi publicada na capa do jornal *Caiçara* em março de 1964. O texto noticioso “Valdemiro Cordeiro quer proibir o direito de opinião!” discute um acontecimento local no qual o presidente do Sindicato dos Trabalhadores, Valdemiro Cordeiro, teria ordenado retirada de uma propaganda política da barbearia que frequentava:

NA BARBEARIA ANEXA AO SINDICATO OS BARBEIROS QUE PAGAM ALUGUEL, FORAM AMEAÇADOS PELO SR. VALDOMIRO CORDEIRO POR COLOCAREM PROPAGANDA DE LACERDA

Pegado ao Sindicato dos Trabalhadores funciona uma barbearia onde os sindicalizados pagam um preço baratíssimo para cabelo e barba. Os barbeiros pagam aluguel do salão e por isso mesmo eles é que estão colaborando com o pelego Valdemiro Cordeiro. Noutro dia surgiu no espelho da barbearia uma propaganda de Carlos Lacerda.

Valdemiro Cordeiro com a inteligência que Deus lhe deu, custou a entender "Lacerda-65". Até que entendeu e ordenou grosseiramente que o barbeiro tirasse a propaganda. Êste, negou-se alegando que tem direito a escolher ou pregar propaganda de quem quiser. O presidente do Sindicato saiu aborrecido e vexado com a negativa do barbeiro que não se humilhou diante do rei dos pelegos. O sr. Valdemiro Cordeiro tem tôda razão de não querer e fugir de Lacerda como o Diabo da cruz, porque Lacerda é anti-comunista, anti-empreguismo, anti-corrupção, anti-peleguismo. Justamente o oposto dos valdemiros, (CAIÇARA, 03/1964)

A propaganda em questão é de Carlos Lacerda, político que teria ajudado a articular a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e, mais tarde, a União Democrática Nacional (UDN). O texto parte do acontecimento que sucedeu em uma barbearia, localizada próxima ao Sindicato dos Trabalhadores da região, para discutir a atitude de Valdemiro Cordeiro, então presidente do sindicato em questão que teria se irritado com a propaganda exposta. Sem ter seu pedido acatado, o presidente deixa o local "aborrecido e vexado".

Na sequência, Lacerda é significado como anticomunista, antipeleguista, anticorrupção e anti empreguismo, o que justificaria sua propaganda como uma ameaça ao presidente, caracterizado como comunista, pelego, corrupto e empreguista. Mesmo sem fazê-lo de forma explícita, o texto evoca um sentido anticomunista no momento em que afirma Lacerda como um político contrário aos "valdemiros", o que atribui a este último toda carga negativa trazida pelos adjetivos.

Sobre a mesma formação discursiva mencionada, observa-se, na publicação a seguir, a continuidade de construção e fortalecimento do ideário



anticomunista por meio de classificações e nomenclaturas enunciadas. Relacionado à ameaça, o texto noticioso, publicado em março pelo jornal *Caiçara*, busca alertar a população de Porto União sobre a formação de um grupo comunista na região:

[...] Tendo fracassado em Joaçaba em vista da autoridade das autoridades, inclusive do Exército, o Grupo das Onze, cuja cabeça é o deputado Brizola, enviou lacaios a Pôrto União, tendo muitos inocentes úteis aliados.

Alertamos por aqui, que tal movimento é autenticamente comunista e subversivo, tendo como objetivo a tomada do govêrno por fôrças comunistas. (CAIÇARA, 03/1964)

Intitulada "Grupo dos onze fracassou em Joaçaba e procura infiltrar-se em Porto União", a publicação noticia o fim da constituição de um grupo de origem comunista na cidade catarinense de Joaçaba. Com seu fim, outra aliança da mesma linhagem estaria, agora, buscando instalar-se na cidade de Porto União. O grupo citado é conhecido na historiografia como Grupo de Onze Companheiros, que faz referência a um time de futebol. O movimento liderado por Leonel Brizola visou divulgar em diversas cidades brasileiras a necessidade das reformas de base como solução para a diminuição das intervenções estrangeiras e especulação de capital em todo o país<sup>8</sup>. É interessante perceber como, não somente no texto em questão, mas em outros textos já analisados, os sujeitos significados como comunistas são, muitas vezes, seres inocentes e desprovidos de consciência sobre o que estão a fazer, manipulados por forças superiores para disseminação de um ideal maléfico e, por seguinte, a tomada do poder.

---

<sup>8</sup> <http://www.documentosrevelados.com.br/repressao/grupo-dos-onze-companheiros-movimento-liderado-por-brizola-para-barrar-o-golpe-e-avancar-com-as-reformas-parte-3/> acessado em 26/10/2016.

Nacionalmente, o período do golpe civil militar fez com que muitos grupos sociais, temerosos de “ameaça” ou “perigo” comunista, articulassem uma “contra-ofensiva” de combate ao projeto comunista revolucionário. Para que isso fosse possível, um espírito de união patrótica passou a ser evocado, o que espelhava a imagem de uma nação, colocando-se a frente de possíveis problemas pessoais que poderiam existir, em prol de um bem maior: o enfrentamento do comunismo (SÁ MOTTA, 2000, p.5).

Além disso, o período pode ser considerado como o segundo momento de esplendor da eugenia<sup>9</sup>, onde o “outro”, considerado a bactéria do corpo social, era agora o comunista, junto ao imigrante, a prostituta e o homossexual (NEGRI, 2001; MIRANDA, 2015).

A última análise trata de outra publicação do jornal *Caiçara*, que traz como enfoque principal o humor. Veiculado em sua capa, em outubro, o texto intitulado “Comédia Infinita – Alfabeto Noticiado” constrói, a partir do alfabeto da língua portuguesa, pequenas notas relacionadas à realidade política brasileira:

[...]

ALFABETO NOTICIADO

A – Ato: terminou, Graças a Deus, dizem os subversivos.

B - Bêbado: um ébrio foi “valentemente” agredido por dois guardas.

C – Civil: não sei se meu filho vai ser militar ou subversivo.

D – Direito: cassara, o do anzol.

E – Exílio: Brizola vai fazer uma paródia da Canção do Exílio.

F – Fuzil: um lojista foi prêso quando conduzia um fuzil para ornamentar sua vitrina. (CAIÇARA, 10/1964)

---

<sup>9</sup> Conceito teórico construído a partir do pensamento de Francis Galton, que pode ser definido como o estudo dos agentes que tem o poder de tornar melhor ou pior a civilização, de acordo com a raça, o físico e a mentalidade dos sujeitos, (GOLDIM, 1998).

Entre as características que constituem um discurso, de acordo com Brandão (2002), percebe-se que a produção de sentido sempre estará inscrita no discurso e nas palavras de outro, ele nunca está isolado. Conforme citado, esse fenômeno pode ser reconhecido pela utilização de aspas, itálico, determinada entonação ou, ainda, remissão a outro discurso.

Durante as análises, foi possível verificar algumas destas características, que aliadas à necessária consulta histórica contextual, fornecem material para compreender as intenções e ideologias contidas nos discursos. Formas mais complexas de remeter a outros discursos utilizam, ainda, o discurso indireto livre, a ironia, a antífrase, a alusão, a imitação, etc. Portanto, as ferramentas empregadas pelo enunciador na construção do seu discurso podem ser variadas e revelar a complexidade que envolve o exame e a compreensão do sentido que produz (BRANDÃO, 2002).

O nacionalismo evidente e a produção de um discurso anticomunista por grande parte da imprensa brasileira do século XX, tanto nacional quanto local, tornaram-se temas importantes para exploração discursiva, pois constroem um conjunto de ideias que promove a projeção simbólica de nação, dentre diversas outras do ocidente, enaltecida e combativa ao comunismo. Para que essa formação negativa fosse possível, os jornais exploraram com intensidade o uso de adjetivos e objetificações para abordar o universo comunista. Na tabela abaixo, foram selecionadas palavras utilizadas pelos jornais explorados que, ao longo de 1964, ajudaram a formar e consolidar o imaginário anticomunista de uma região, bem como de uma nação:

Quadro 1: Lista de nomes e adjetivos utilizados pelos jornais *O Comércio* e *Caiçara* para referir-se ao universo comunista:

Referência	Palavras utilizadas pelos jornais
Presidente do sindicato dos trabalhadores	Rei dos pelegos
Carlos Lacerda	Anti-comunista; Anti empreguismo; Anti corrupção; Anti peleguismo
Comunismo	Agitação; Subversão; Esquerda; Marxismo anêmico e desusado; Janguismo; Tarefa "ingerente" de colocar o Brasil nas mãos da foice e do martelo; Pregação subversiva;
Comunistas	Moscovitas; Vermelhos; Homens maus; Infiltrados; Brizolas boys; Pelegos boys; Comunas boys; Ratos Vermelhos; Camponeses; Comunistóide; Jovens agressivos; Extremista; Derrotados na revolução; Filocomunistas; Corruptos; Oportunistas
Revolta de comunistas	Golpe
Golpe civil militar	Inseticida democrático; Queda espetacular do "reich" de Goulart; Movimento revolucionário
Reuniões comunistas	Ambiente vermelho onde só faltava um quadro do Lenine

Fonte e organização: Elaine Schmitt

A amostra ajuda a elucidar não somente qual linguagem foi utilizada para caracterizar o sujeito comunista, mas serve também para demonstrar como o jornalismo relacionou sujeitos a certos valores morais de forma enfática no ano em que se deu o golpe civil militar de 1964.

Para Mariani (1998), leitores de jornais são como "aprendizes silenciosos", conduzidos a permanecer em sua posição sócio histórica, que é a posição do seu jornal de referência, sem perceber. A partir dessa reflexão, pode-se compreender como a cristalização de uma história social em que denominações e definições textualizaram o imaginário "comunista/inimigo" tornou-se um pré-constructo, inscrito com a ajuda do discurso jornalístico.

### **Considerações finais**

O jornalismo produzido durante o momento histórico em questão propôs suposições cruciais sobre o sentido e o funcionamento da sociedade e de seus agentes (BERGER, LUCKMANN, 1998). Foi parte de um processo ideológico de edificação social que trouxe a potência de apagar o "assujeitamento" às formações discursivas dos sujeitos e produzir, com isso, um efeito de literalidade.

E no momento em que a imprensa aliou seu compromisso com a "verdade", negou sua contribuição para a construção de "evidências", passando a atuar como mecanismo ideológico de produção das aparências da obviedade. Ela foi, portanto, ideológica ao utilizar expressões como "inimigo" e "perigo" para construir o sentido do comunismo e contrapor com expressões como "patrióticos" e "verdadeiros democratas" para gerar sentido sobre anticomunismo.

O poder de convencimento de um jornal, nesse sentido, resulta da sua potencialidade de manipular a língua, ao envolver o sujeito-leitor em um processo interpretativo que já está pronto, conforme Mariani (1998, p.94), pois relaciona um acontecimento a outros e, com isso, filia sentidos a sentidos já existentes.

### **Referências**

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRANDÃO, Helena H. **Introdução à análise do discurso**. São Paulo: Unicamp, 2002.

CAMPONEZ, Carlos. **Jornalismo de Proximidade**. Coimbra: Minerva Coimbra, 2002.

GOLDIM, José Roberto (1998). **Eugenia**. UFRGS. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/bioetica/eugenia.htm>. Acessado em 30 de julho de 2017.

MARIANI, Bethania **O PDB e a Imprensa: Os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. São Paulo: Revan, 1998.

MATULLE, Zuleide Maria. "Jornal *O Comércio* em União da Vitória (PR) e Porto União (SC): Fonte e objeto de pesquisa". Encontro Regional de História da Mídia, Ponta Grossa: 2016.

MIRANDA, Marisa. "Reflexiones en torno a la construcción de discursos inmunitarios en ámbitos dictatoriales: el caso argentino (1976-1983)". In: LEYTON, César; PALACIOS, Cristian y SÁNCHEZ, Marcelo (eds.). **El bulevar de los pobres: Racismo científico, higiene y eugenesia en Chile e Iberoamérica**. Santiago de Chile: Ocho Libros, 2015, pag. 306-317.

NEGRI, Antonio. "Il mostro politico. Nuda vita e potenza". In: FADINI, Ubaldo; NEGRI, Antonio; WOLFE, Charles. **Desiderio del mostro**. Dal circo al laboratorio alla politica. Roma: Manifestolibri, 2001, pag. 179-211.

OLIVEIRA, Roberto R. "Jornalismo regional e a agenda midiática: contribuições para um debate". In: ARRUETA, César; BRUNET, Marcelo. **Fuentes Confiables: Miradas latino-americanas sobre Periodismo**. San Salvador de Jujuy: Ediciones DASS UCSE, 2012. p. 51-66.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**. São Paulo: Pontes, 2010.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: Estrutura ou acontecimento**. São Paulo: Pontes, 2008.

RIBEIRO E. D. **Cinquentenário de Porto União**. Porto União: Uniporto, 1967.



revista  
Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 5, Agosto. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p>

RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho**: Imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964). Passo Fundo: Ediupf, 1998.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. **Em guarda contra o “perigo vermelho”**: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). 315 p. Tese de Doutorado em História. São Paulo: USP, 2000.

TUCHMAN, Gaye. **Making news**: A study in the construction of reality. New York: The Free Press, 1976.